



À FRENTE DO SEU TEMPO

Alguém chorava num canto gélido da sala-cozinha-quarto. Abraçava seus joelhos em uma quase posição fetal. Seu soluçar, embora alto, era mudo para todo o resto norte da Inglaterra. Havia, naquele barraco, restos de sua vida. Alguns trapos jogados, a mala fora do lugar. Seu marido foi mandado para uma guerra sem causa que só derrama sangue jovem e inocente.

De todos os sentimentos que lhe sobrevinham, a dúvida era o mais cruel. Olhava o retrato singelo na parede, a aliança em seu dedo e o seu filho recém-nascido e se perguntava incessantemente o que seria da sua família e das milhares de outras. Ainda tinha lhe sobrado a esperança em cima de uma utopia.

Enquanto a guerra eclodia, seus cabelos caíam mediante a fome. Não sabia dizer se era melhor morrer na guerra ou morrer ali. Talvez a segunda opção fosse a mais cruel. Assistia ao derramamento de sangue e de suas próprias lágrimas.

Bateram em sua porta dois oficiais bem vestidos e frios, ela já sabia do que se tratava. Eles lhe entregaram um medalhão, seus olhos pareciam cachoeiras, dentro dele duas fotos e uma inscrição. Cortou suas longas madeixas, vestiu um macacão surrado, prendeu o medalhão em seu filho e caminhou sem vontade.

A esperança – antes seu conforto – era agora uma luta igualitária e nobre. Deparou-se com a situação decaída da sua nação. Naquele híbrido de infância perdida e morte iminente, não havia tempo para preconceito, só para lutar por alimento. Aos montes, mulheres e crianças inundavam as fábricas, faziam colheitas e enchiam os mercados.

Sua inundação permitiu uma breve história do tempo, uma população que se ajudava mutuamente, em harmonia. Uma história que não aconteceria sem os olhos doces de uma alma feminina. Em um mundo egocêntrico e sanguinário, o bom mesmo era ser mulher.

Caroline Luana da Silva
3º do Médio, Itajaí
2016